



MEMÓRIAS DO QUILOMBO
MONTE
ALEGRE







**Caminhante, não há
caminho, faz-se o
caminho ao andar.**

Antonio Machado

Temos sido caminhantes, Genildo Coelho Hautequestt Filho, Luan Faitanin Volpato e eu, Maria Elvira Tavares Costa pelas terras da Comunidade Quilombola de Monte Alegre, distrito de Pacotuba, município de Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo, Brasil; ele, há mais de duas décadas; eu e Luan, há quase duas.

Encantados com esse povo e essa história centenária, seguimos fazendo caminhos.

A importância de compartilhar essas experiências se anuncia urgente, no nosso entendimento: quanto mais se conhece, maior se torna o compromisso de disseminar o conhecimento.

O relato se transforma em fomento de saberes e inspirações - e assim nasce esse “Memórias do Quilombo Monte Alegre” – em dois tomos: Ano de 2022 e Ano de 2023.

Importante partilhar algumas informações técnicas.

Este livro contempla a narrativa de sete projetos ali desenvolvidos, conforme descrição abaixo:

Três projetos desenvolvidos ao longo do ano de 2022 todos aprovados no Funcultura:

- Difusão da Identidade Caxambuzeira no Sul do Espírito Santo (realização de 6 rodas de caxambu e jongo contando com grupos convidados de diversos municípios da região sul do estado);

- Caxambu na Escola (realização de 12 oficinas com crianças da EMEB Monte Alegre tendo como oficinairas as 4 mestras do Caxambu Santa Cruz);

- Ponto de Memória Quilombola (realização de 8 rodas de conversa com os idosos da comunidade – Formação do Conselho de Idosos);

Quatro projetos desenvolvidos ao longo do ano de 2023:

- Raiar da Liberdade (realização da 135ª edição da Festa Raiar da Liberdade que está em processo de registro como patrimônio imaterial do estado do Espírito Santo), a partir do Edital SECULT / LICC com o patrocínio da EDP;

- Projeto Memórias do Quilombo Monte Alegre (realização de 4 rodas de caxambu, 4 oficinas com idosos e 8 oficinas com crianças), também pela LICC, com o patrocínio da ES Gás;

- Oficina de Formação de Caxambuzeiros (8 oficinas com crianças), FUNCULTURA;

- Ponto de Memória Quilombola (6 oficinas com idosos), também patrocinado pelo FUNCULTURA.

Importante, também, dizer que o longo processo não se dá de forma reta, objetiva, ascendente, como talvez desejássemos. Nada que implique preservação, resgate, valorização se dá dessa forma. Há os momentos de elevação, de conquista, como narramos no 1º Tomo; há os momentos de perdas, enfrentamentos e desânimo – conforme poderão constatar no 2º. Nenhuma surpresa!

Entretanto, acreditamos no “Esperançar”, ensinado pelo Mestre Paulo Freire. Praticamos isso, há muito tempo. Vivenciamos tempos de portas que se fecharam; e insistimos, refletindo sobre novas estratégias e rotas – e vimos portas, novamente, se abrirem.

Assim, estamos cientes que nosso trabalho trata disso: valorização do ser humano, a partir de sua História e Cultura. Por isso, temos aprendido a evoluir nossos ideais e crenças, crescendo-lhes a visão prática que a vida nos ensina. É preciso tornar sonhos em projetos factíveis – seguimos aprendendo, e nos renovando.

A você, que agora nos lê, damos-lhe nossas boas-vindas, porém, alertamos: revista-se de sua melhor reverência: trata-se de território sagrado!

Tomo 1

Ano de

2022

A [Associação de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Cachoeirense](#) apresentou e aprovou projeto cultural a Edital Cultural da Secretaria de Cultura do Estado do ES - SECULT, tendo como objetivo fortalecer argumentos e justificativas para a proposição da criação do Ponto de Memória da Comunidade Quilombola de Monte Alegre, distrito de Pacotuba, município de Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo, Brasil. A proposta apresentada consistiu em reunir e ouvir os idosos da comunidade, detentores das antigas memórias, em seis reuniões presenciais, com aproximadamente duas horas de duração cada, ao longo do segundo semestre de 2022.

Desenvolvido pela Contadora de Histórias, especialista em Psicodrama e Psicopedagogia, Maria Elvira Tavares Costa, o projeto teve como guia a citação bíblica: “Uma casa dividida contra si mesma não se mantém de pé”, encontrada em Mateus, 12:25 - e não por acaso: ela contempla a realidade que a Comunidade tem vivido nos últimos anos; e, ao mesmo tempo, favorece o diálogo com os idosos adeptos das religiões evangélicas e católica, participantes do projeto, juntamente aos seguidores da Umbanda.

O projeto teve início em setembro de 2022, com encerramento em 28 de novembro do mesmo ano, com considerável êxito, conforme passaremos a relatar.

Concomitantemente, também foi apresentado e aprovado o projeto “Caxambu na Escola” - com vistas a difundir o folguedo tradicional da Comunidade, entre os mais jovens, a partir da escuta das detentoras desses saberes seculares: as Mestras do Grupo de Caxambu Santa Cruz. Foram realizadas, então, visitas à EMEB Monte Alegre - pelas Mestras, contemplando os alunos do 2º e 3º ano da Escola, bem como, contando com a participação das professoras e pedagoga, ao longo do segundo semestre do ano de 2022.

Dividimos aqui nossas experiências e aprendizados.

HISTÓRIAS, MITOS, TRADIÇÕES

A origem da Comunidade, como sugere o nome Quilombola, remonta ao tempo da escravidão, tempo em que a floresta dominava a região, havendo dois pontos de ocupação branca, em seus extremos: a Fazenda Boa Esperança, atual RPPN Cafundó, e a Fazenda Monte Alegre, em Pacotuba.

Conta a tradição que Adão, negro escravizado, fugia da Fazenda Boa Esperança, atravessando a floresta, para se encontrar com a namorada, também cativa, na outra senzala. Muitas histórias são contadas sobre sua fama de poderoso mandingueiro, muito safo e esperto, inteligente estrategista, capaz de

escapar dos ferros à noite, retornando pela manhã, sem ter deixado rastros, ludibriando feitor e senhor.

Nessas idas e vindas, Adão ia conhecendo a floresta e traçando rotas de fuga. Quando possuía os conhecimentos necessários, convenceu os demais colegas de infortúnio, garantindo que a fuga poderia ser exitosa. Assim reunidos, buscou também a namorada e os guiou até o coração da floresta, sua velha conhecida; e sob sua liderança formou o quilombo, hoje, Comunidade Quilombola de Monte Alegre, abrigando em torno de 150 famílias, e aproximadamente 650 habitantes.



Foto: Luan Fátima Volpato

Esse povo legou aos seus descendentes sua índole valente e combativa; sua alegria; e suas tradições, algumas ainda preservadas, por mais de um século e meio: a religião de matriz africana; o Caxambu, com seus jongos de picardia e lamento; o trabalho em mutirão; as histórias das personagens tradicionais do lugar (o cachorrinho

branco, o tatu que ri, o “caboquinho” d’água); os cantos de trabalho; o canto das “Incelências”, para velar os mortos; o angu de banana verde; as casas de chão batido e paredes de barro...

Acima de tudo, ensinaram ao seu povo o medo do branco! Do branco colonizador, e dos seus descendentes.

A Mestra do Grupo de Caxambu Santa Cruz, Maria Laurinda Adão, bisneta de Adão, ainda guarda, do seu tempo de criança, a memória do pânico, entre os seus, quando se ouvia o apito do trem que passava ao largo - era o anúncio da proximidade do branco,

que provocava grande correria para a mata, em busca do abrigo original. Embora nascida após a assinatura da Lei Áurea - completando 80 anos em junho de 2023, Maria testemunhou e registrou tudo isso. Como esquecer?



Foto: Iuan Fiallanin Volpato

UMA CASA DIVIDIDA CONTRA SI MESMA

Os mais velhos participaram, efetivamente, das reuniões do projeto, emprestando um tom de “Conselho de Idosos” - na partilha de sua sabedoria e experiência de vida, rememorando os tempos antigos.

Reunimo-nos, inicialmente, no templo católico, cujo guardião, Seu Nicomédio, juntamente com sua esposa, Dona Augusta, nos abriu suas portas para receber o projeto. Foi a primeira vez que entramos naquela igreja, que sempre víamos fechada, pelo menos, nas incontáveis vezes, ao longo dos anos em que lá estivemos - seja realizando trabalhos, seja visitando os amigos. Obter permissão para as reuniões acontecerem naquele templo, significou, para nós, excelente premissa - portas se abrindo! (Possivelmente, devido

à chegada do novo Bispo, Dom Luiz Fernando Lisboa, que assumiu a Diocese de Cachoeiro após longa temporada em Moçambique, África, trazendo um olhar reverente para com nosso povo negro.)

Uma vez lá dentro, nos deparamos com a forte imagem afixada na parede do altar: não o Cristo crucificado, como normalmente se vê, mas o Ressuscitado, deixando-nos a esperança de ser mais um sinal positivo: da vida que pode retornar pulsante e bela àquela comunidade. Ali, realizamos dois encontros, migrando, depois, para a igreja evangélica Assembleia de Deus “Chama Viva”, também no centro da comunidade, na qual fomos igualmente muito bem acolhidos, agora pelo pastor Paulo Adão, de quem muito falaremos ainda.



Fotos: Juan Falfanin Volpato

Assim como em todo o Brasil, a religião católica foi imposta e durante muito tempo foi a religião predominante. Em Monte Alegre não foi diferente. Até os anos 1940, quando com a expansão das religiões protestantes, chegaram à comunidade os presbiterianos e os batistas. Mas, a partir dos anos de 1990, chegaram os neopentecostais e houve uma espécie de cisão entre os moradores, pois essas religiões demonizam

os ritos das religiões africanas, expressando além de intolerância, um profundo racismo religioso.

Porém, originalmente, celebravam-se os cultos ancestrais, nas mesas de quase todas as casas de lá. Nesse tempo, a religiosidade não era institucionalizada como é hoje, ela era orgânica e praticada no seio familiar. Assim nos ensina o Professor Doutor Genildo Coelho Hautequestt Filho.



Ainda vivo, na região central da comunidade, resiste o Centro de Umbanda São Jorge, ostentando sua decoração alegre e bem colorida, como costumam ser os espaços dedicados às religiões de matriz africana; com muitas imagens de santos católicos, representando seus orixás; assim também, seguem abrindo seus trabalhos com a oração do Credo. As histórias de ambas as tradições, Africana e Católica, são apresentadas em relatos amalgamados – antiga estratégia de sobrevivência, vez que se não convences-

sem os brancos católicos de sua conversão, atraíram ainda mais castigos. Assim, faziam de conta que rezavam para os santos – mantendo a reverência ao seu próprio culto e crença. Submissão sim, porém, calculada. Era guerra!

Vê-se, pois, que a desvalorização das tradições africanas, visando suprimir-lhes a própria identidade, inicia-se pela ação dos seus senhores e do braço forte do Catolicismo, que legitimava a escravidão, e não reconhecia a condição humana aos negros. Página triste da História da Humanidade, ainda não redimida.

Fato é que as religiões dos brancos chegaram e, ao que nos consta, ninguém ouviu o apito do trem, sinalizando o perigo.

O racismo religioso tem estabelecido o “nós” contra “eles”, e a divisão entre os salvos e os condenados, num tom de grave superioridade - em nome de Deus.

Uma casa dividida contra si mesmo... e as tradições, ensinadas pelo seu povo africano começaram a ser condenadas, como coisa do mal; e sua preservação ameaçada. Sem que percebam, a gente supõe - e torce para que, talvez, o soar deste alerta, ainda possa despertá-los.

Ameaças concretas ao Centro de Umbanda, e até mesmo à casa em construção da Mãe de Santo, são fatos recorrentes, sem que haja punição ou até mesmo denúncia - como se, de alguma forma, os ofensores tivessem algum tipo de autoridade constituída para perpetrar essas perseguições.

Embora os mais “tolerantes” consigam disfarçar o incômodo causado pelos cantos e batidas dos tambores, que marcam o Caxambu, a maioria dos convertidos se afasta quando a Roda começa... e a divisão fica exposta.

Mas, a raiz ainda resiste. E, nos perguntamos, se essa força, atávica, que ludibriou o catolicismo com tanta esperteza, haverá, também, de encontrar saídas que garantam sua sobrevivência, ainda que usando o artifício de metamorfoses estratégicas. Na verdade, colocamos nossa esperança nesse caminho.



Fotos: Luan Falcão/Volpato

Realizado concomitantemente ao Conselho dos Idosos, o projeto “Caxambu na Escola” viabilizou a ida das Mestras do Caxambu à escola local, EMEB Monte Alegre, onde se encontraram com os alunos, para falar sobre o folguedo e suas tradições.

Importante registrar que algumas crianças, devido ao recolhimento imposto pela pandemia da Covid, jamais haviam assistido a uma representação (termo que empregam para se referir à apresentação da Roda de Caxambu).

Realizado concomitantemente ao Conselho dos Idosos, o projeto “Caxambu na Escola” viabilizou a ida das Mestras do Caxambu à escola local, EMEB Monte Alegre, onde se encontraram com os alunos, para falar sobre o folgado e suas tradições. Importante registrar que algumas crianças, devido ao recolhimento imposto pela pandemia da Covid, jamais haviam assistido a uma representação (termo que empregam para se re-

ferir à apresentação da Roda de Caxambu). Ali, observamos tanto sinais não disfarçados de resistência ao assunto, por parte de algumas delas; quanto a sintonia de outras, que rapidamente aprenderam o canto dos jongos e, espontaneamente, marcaram as batidas do ritmo, nas mesas, cadeiras e no próprio chão, honrando e renovando a herança ancestral - absolutamente emocionante!



As duas tendências coexistem, mas poderiam estar irmanadas em afeto e comunhão. Daí, a importância do trabalho que cria o espaço de diálogo entre as Mestras e as crianças, de modo a garantir a preservação das tradições - para que, no futuro, ainda possamos celebrá-las e nos alegrarmos, todos, com a força dessas heranças ancestrais. É possível perceber tudo isso apenas observando suas aparências.

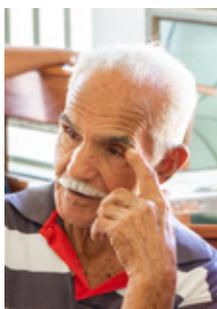
BELEZA E DIGNIDADE

Os idosos são belos, assim como é belo aquele povo - cada um a seu modo; ativos no seu proceder e no seu falar; gostam de se apresentar bem arrumados: algumas mulheres, ainda ligadas às antigas tradições, ornam as cabeças com seus turbantes, e se enfeitam com colares e pulseiras coloridas, bem como, com vestidos exuberantes. Já aquelas, convertidas às religiões católica e evangélicas, apresentam-se com mais sobriedade, com os cabelos cuidadosamente presos e seus vestidos bem-comportados, possivelmente, inspiradas na imagem das antigas “sinhas”, brancas.

Dizemos assim por entendermos que “a religiosidade colonizou também a corporeidade negra”, nos dizeres de Luciene Carla Francelino. E ela segue, ensinando:



A corporeidade é um valor, um princípio fundamental dos povos africanos. Tem a ver com esse corpo, que é considerado sagrado, se relaciona com o mundo ao redor. É um elemento central da identidade, se expressa na dança, música, religião, artes. O colonizador, teve uma visão distorcida da corporeidade Negra: associando a sensualidade à animalidade e barbárie, pois esses corpos eram e estavam no mundo de forma diferente do que eles conheciam, Eis que diferente assusta, ao mesmo tempo que encanta; colocando em risco o que está estabelecido. Assim, impuseram as suas normas e valores sobre os corpos africanos. Proibindo a dança, práticas de rituais e cerimônias que envolvem a corporeidade, dança e música. TODAS: Caxambu, tambores diversos, capoeira, tudo...



Fotos: Luan Faltanin Volpato

Enfim: “Esse corpo precisava ser educado, domado, domesticado, de todas as maneiras.”

Há entre eles, em sua diversidade, uma relação de respeito e cordialidade.

Assim também, observamos a postura das crianças, em relação às Mestras - pedem a benção, na chegada e na despedida; respeitam e ouvem suas falas e ensinamentos, com reverência. As Mestras, na sua maioria, são avós, tias, madrinhas de quase todas elas - fato comprovado pelos sobrenomes que

dominam a comunidade: Adão, Ventura e Veridiano; e que estão presentes, unidos ou separadamente, aos nomes de todos dali.

Observando-os ali, tão próximos, partilhando lembranças e questões comuns, não há que duvidar: ali se encontra, assentada e posta, a semente e a resposta do melhor porvir. Há que ajudá-los a valorizarem-se a si mesmos e ao formidável legado dos seus ancestrais. Há que preparar o solo e fazer germinar.



Foto: Luan Faltanin Volpato

MEMÓRIAS

A cada encontro fomos sendo apresentados às belas tradições e aos desafios à sua preservação.

Quando se reporta aos “bons tempos”, Paulo Adão, irmão de Maria, e, portanto, também bisneto de Adão, relata a lembrança do “mutirão”, prática original da comunidade: fosse

o telhado de uma casa, ou o plantio do milho, fosse o que fosse - todos se reuniam e faziam junto! Pelo simples sentido da união, da cooperação, do bem comum - o sentido da sobrevivência em suporte coletivo, que os guiou àquelas paragens, tão antigas e abençoadas.

Quanto a hoje, Paulo lamenta e conta: o incentivo para qualquer atividade, entre eles, passou a ser o dinheiro - seja para construir ou reformar uma casa, seja para comprar um litro de leite, na venda, para a própria família! No lugar da cooperação, vem se instalando a ganância - "pouca farinha, meu pirão primeiro"; e, alguns, passam por cima da fraternidade, do parentesco, da solidariedade. (Na África, era o Ubuntu: generosidade, solidariedade, compaixão com os necessitados, e o desejo sincero de felicidade e harmonia entre os seres humanos.)

Todos os idosos concordam com esse ponto de vista - todos parecem enxergar a mesma coisa. Lamentam, ainda, a chegada, neste mesmo rastro, das drogas e da violência. E encontram/apontam a mesma explicação para tudo isso: o mal chegou! Com voz mansa dessa vez, sem o apito estridente do trem; prometendo coisas boas, sinalizando com vantagens futuras. Foi-se achegando e deixando desconstrução, morte, caos. Como se a exploração, o descaso e o desrespeito fossem se eternizando entre eles, como maldição que os tenha alcançado.

São tantos os relatos, já tão desalentados: a namorada quilombola, do rico fazendeiro branco, que após mais de trinta anos de relaciona-

mento, não chegou ao altar - oferecendo sua beleza e juventude, sem alcançar a sonhada recompensa ao seu amor. Os políticos que, em sua maioria, só comparecem no período eleitoral, tomam café na cozinha, pedem votos e tornam a desaparecer... enquanto a comunidade permanece desassistida em suas necessidades mais básicas: água tratada, esgoto, calçamento, recuperação da ponte, posto de saúde, transporte público eficiente, capela mortuária, ambulância!

São tantas as demandas que se avolumam, e tornam ainda mais necessária a união de todos para tornar suas reivindicações ouvidas e atendidas. É necessário agir em mutirão, como já se fez no passado, em nome do bem comum, da Comum Unidade.

Quando os provocamos com a ideia de que, para além das lástimas e da nostalgia, as doces memórias podem se transformar em sementes a serem plantadas hoje, para que possam colhê-las em frutos, no amanhã, houve um alento geral. Tínhamos, ali, católicos, evangélicos e umbandistas, todos olhando para o que têm em comum, para além das diferenças - que não são maiores nem mais fortes que suas raízes comuns.



Foto: Luan Fiallanin Volpato

TRADIÇÕES AMEAÇADAS

O canto das “Incelências” (acreditamos que o termo se trata de uma corruptela para Excelência, remontando à tradição das carpideiras que choravam os mortos ricos, nos velórios de antigas culturas), tradição secular dos seus velórios, pungente, capaz de atravessar o coração de quem ouve e bem honrar a memória de quem se vai, chora assim:

“ Uma espadinha de dor
Que no meu coração passou
Pela dor que Jesus padeceu
No momento da paixão

Ai, Maninha,
Ai, ô que dor no coração!
Ai, Maninha,
Ai, ô que dor no coração!

Ora, esse cântico cortante, por tradição, é apresentado em diversas vozes, durante as longas noites de velório. Assim os mortos são chorados e reverenciados, em Monte Alegre. Ou eram...

Ao mesmo tempo em que as Mestras nos apresentam as “Incelências”, Paulo Adão nos conta que já não podem mais velar seus mortos, desde a pandemia. É que a vigilância sanitária, acertadamente, proibiu a realização de velórios nas igrejas, nas casas, nos centros comunitários e/ou nas escolas - há que fazê-los, adequadamente, em capelas mortuárias. Em Monte Alegre não há!

Os idosos dizem que foi feita a reivindicação aos órgãos públicos, diversas vezes, para a construção desse equipamento na comunidade. Infelizmente, até aqui, sem sucesso.

Outra vez, a raiz, a base da Comum Unidade sendo atingida.

(Essa informação nos atingiu como um raio. Como assim? E quando comentávamos a respeito, na cidade, alguém pegou a conversa no final, quando dizíamos: - “Eles não podem mais velar seus mortos!” E a pessoa re-



Foto: Luan Faltanin Volpato

agiu assustada: - “Quem?”. Ao que expliquei tratar-se de uma Comunidade Quilombola. Pasmem, a pessoa deu de ombros e respondeu: - “Ah, bom!”. Como assim????)

Nesse mesmo viés, saltam-nos aos olhos os bloquetes, para o tão sonhado calçamento da rua de terra batida, que corta a Comunidade - que se encontram empilhados, há anos, em vários pontos, sem que os trabalhos de instalação aconteçam. Assim como a imensa viga, destinada à reconstituição da ponte que caiu há quatro anos, que permanece estacionada na porta da casa da Dona Benedita (sem pagar aluguel do espaço), há dois anos, sem que a necessária obra seja efetivada. O jongo ensina:

“ Passei na ponte
A ponte estremeceu,
Não sou mais do que ninguém,
Ninguém é mais do que eu!

Entretanto, ainda não é bem assim...

ANTIGAMENTE, TODO MUNDO BATIA TAMBOR

Maria ensina, com sua picardia: “Antigamente, todo mundo batia tambor!” Como sempre, coberta de razão.

Paulo Adão, também conhecido como Zé Paulo, foi, no passado, o guardião do Caxambu e o Pai de Santo do Centro Espírita - atribuições nobilíssimas herdadas de seus ancestrais. Hoje, convertido, é Pastor da igreja evangélica neopentecostal Assembleia de Deus “Chama Viva”.

Reza a lenda que alcançou tamanho poder, enquanto seguia a sua religião original, a ponto de vivenciar uma experiência de bilocação: estando em dois lugares ao

mesmo tempo. E teve medo de si mesmo e dessa potência imensa. Era o forte chamado de seus ancestrais, que lhe serviam de guias. Era a África, exuberante, viva! Eram os Reis Negros, de quem descendem os quilombolas - magos, que, como conta a tradição cristã, a partir dos conhecimentos alcançados por seus saberes e crenças, conseguiram “adivinhar” a chegada do Menino Jesus, e encontrar seu lugar de nascimento, ajoelhando-se diante do Prometido e ofertando-lhe suas sagradas oferendas: ouro, incenso e mirra. Foram suas práticas de magia que os avisaram e guiaram: adivinhos, astrólogos, magos! Os “brancos” não ficaram sabendo, não souberam seguir os sinais. E continuam omitindo a grandeza dos detalhes dessa história.

Enfim, Paulo Adão não conseguiu dar conta de sua própria força, e encontrou proteção na religião, originariamente, dos brancos.

(Às vezes, unir-se aos inimigos, passar-se por um deles, pode-se ter a ilusória ideia de segurança, de pertencimento... ilusória e vã. Ou não. Quem sabe, possa apontar a possibilidade de sobrevivência entre os mais fortes? Não foi isso que aconteceu quando os africanos “inventaram” sua estratégia para com a Igreja Católica? Porém, ao pensarmos no suporte que o Protestantismo deu aos sofridos negros norte-americanos, vítimas de leis que impunham a separação que garantia aos brancos, lugares e serviços privilegiados, enquanto os negros amargavam os acessos interditados às melhores condições de vida e cidadania - lembramos logo da ação protagonizada pelo Reverendo Martín Luther King, líder religioso e político, e de todas as suas conquistas, difíceis e sofridas, inclusive pagando com sua própria vida, mas, fortalecendo e legitimando a luta pela libertação e igualdade – ainda em curso. King liderou um povo oprimido que conquistou direitos e resgatou sua autoestima, ativamente, bravamente. A fé, nos parece, pode sim fortalecer a ação política libertadora!)



Foto: Luam Faltanin Volpato

Maria Laurinda assumiu, ainda que a contragosto, ciente do tamanho da responsabilidade, os compromissos do irmão, em honra aos seus. E foi além, muito além: Mãe de Santo, Mestre do Caxambu, Parteira, Coveira, Agricultora, Líder Comunitária, Mulher, Mãe Solo... Maria é a África inteira!

Seus feitos correm o Brasil e o mundo, em presença, livros e exposições!



Uma mulher combativa, incansável, admirável, que, da altura dos seus oitenta anos de vida, ressentia-se do fato de não ter podido estudar. Decidida, frequenta hoje um curso de alfabetização para adultos /EEJA, com notas excelentes, nos ensinando que sempre há tempo, enquanto ficamos por aqui!

Rainha, cujo legado precisa ser transmitido às novas gerações do seu povo: esse farol não pode ser ofuscado!



Fotos: Luan Falantim Volpato

NEGRAS RESISTÊNCIAS

Benedita, Neuza, Adevalmira/Ilinha, Geralda, Zeli, Neuma, Teresinha, Augusta, Valéria, Maria... exemplos de resistência e luta, como tantas outras mulheres de Monte Alegre. Muitas deram conta de criar sozinhas seus filhos, trabalhando duramente na roça e em frentes de trabalho fora da Comunidade; maltrataram a própria saúde com o excesso de esforço, sem nunca desistir. Algumas delas ainda reúnem amigos e familiares para desfrutarem refeição em comum, como se fazia no passado - muitas vezes, dividindo os peixes, pescados no ribeirão. Banquete de alegria. Muitas, dançam na Roda e ajudam a manter preservado

o legado original; outras, oferecem seus trabalhos espirituais no Centro, ou nas Igrejas. Todas seguem em plena atividade, apesar da contagem do tempo que, muitas vezes, lhes fragiliza fisicamente.

Maria, juntamente com Dona Neuza, Dona Geralda e “Cumadi” Ilinha (Adevalmira Adão) mantém preservado e ativo o Grupo de Caxambu Santa Cruz. Seus tambores seculares, herança do Adão, foram feitos a partir dos troncos ocos da floresta - já o couro é trocado, sempre que necessário. Antes de começar a roda, os couros dos tambores são aquecidos no calor da fogueira, de modo a deixar o som bem afinado.

São dois os caxambus (como se chamam os tambores - nominando, também, o folguedo), um maior que o outro (também chamados de candongo e candongueiro); e têm cravado na madeira a figura da cruz - sagração confirmada no nome do grupo. Os tambores marcam o ritmo, do canto e da dança - e convidam a presença dos espíritos ancestrais.

O canto, chamado Jongo, é marcado pela picardia, muitas vezes jocoso, algumas vezes de lamentação. Jongo, nos grupos do litoral,

especialmente em grupos vinculados à cultura canavieira, como em Itapemirim e Presidente Kennedy, é o nome do folguedo.

Conta a tradição que no dia 13 de maio de 1888, no exato momento em que a Princesa Isabel assinou a chamada Lei Áurea - lei que aboliu a escravidão no Brasil - os tambores passaram a soar de um jeito diferente, e os negros puderam, finalmente, liberar as falas aprisionadas em suas gargantas, por séculos - assim, segundo suas crenças, nasceu o Caxambu.



Fotos: Luan Fiallanin Volpato

Nota do Professor Doutor Genildo Coelho Hautequestt Filho:

O Caxambu não surgiu no dia 13 de Maio, na verdade foi a partir dessa data que eles puderam cantar a Liberdade, que nunca lhes foi dada mas, sim, conquistada com o sangue e o suor de negras e negros, seja por reações violentas, seja por ações estratégicas mais dissimuladas, conseguiram gerar o temor na Coroa da possibilidade de uma revolta tão grandiosa que repetisse o ocorrido no Haiti, onde eles tomaram o poder e expulsaram os colonizadores espanhóis. Grandes revoltas como as da Fazenda da Safra ou a de Queimado causavam pavor à classe dominante.

Ensina o jongo:

“ Princesa foi-se embora
Escreveu no papelão:
Quem quiser comer
Trabalhe com sua mão!

Daí a importância da festa do Raiar da Liberdade, no dia 13 de maio, fielmente mantida, sagrada que é, pelo Grupo de Caxambu Santa Cruz. A festa reúne diversos outros grupos de Caxambu, jongo e, também, de outros folguedos - da região e, até mesmo, de todo o estado - Monte Alegre se exibe gloriosa nessa data.

Só a pandemia calou, por dois anos, esses tambores - mas, o Raiar renasce, em toda sua beleza e potência, agora, em busca do seu registro como Patrimônio Imaterial do Estado do Espírito Santo.

O canto de abertura consagra a Deus os trabalhos da Roda:

“ Aê, aê, aê, aê...
Pai e Filho e Espírito Santo,
Aê, aê, aê, aê...
na hora de Deus, Amém!
Aê, aê, aê, aê...

Assim como, o que faz o fechamento da Roda:

“ Adeus, adeus, meu filho, eu
vou-me embora
Você fica com Deus
Que eu vou com Nossa Senhora!



Fotos: Luan Fátima Volpato



O Centro Espírita São Jorge, centro de Umbanda, religião de Matriz Africana, também resiste, graças à incansável dedicação da Mãe de Santo Maria Laurinda Adão, e de sua fiel companheira e irmã - Adevalmira. Há mais de 20 anos, o Centro pegou fogo e caiu. Maria trouxe as funções para a sua casa, num cômodo, onde ficava a entrada - casa pobre, de chão de terra batida. Assim ficou, até que recebeu seus primeiros prêmios como Mestre da Cultura Popular - não gastou nada consigo mesma, nem com a própria casa: Maria o reconstruiu! Dessa vez, de alvenaria, bem planejado, muito bem acomodado. Seja como for, os serviços não foram interrompidos: em todos os dias, terminados por 7: 7, 17, 27 - seu compromisso, como Maria encara e se submete, foi cumprido.

Maria também segue fiel à sua devoção a São Cosme e São Damião - associados aos orixás Ibejis, protetores das crianças. Balas, doces e bolo, distribuídos por ela, no dia 27 de setembro, fazem a alegria da criançada quilombola.

Como coveira, Maria já não enterra mais - exceção aberta ao sepultamento de sua mãe, Dona Eremita, a Mãe Velha, mãe, avó, bisavó, tia, tia-avó de todos de lá. Faleceu, há alguns anos, já centenária, tendo trabalhado



Fotos: Iuan Falamin Volpato

no seu roçado, até a véspera. Maria Laurinda fez questão de lhe abrir e fechar a cova, forma de cuidar até o final da sua mãe e da grande mãe de todos ali.

Mas, a tradição de limpar o antigo cemitério, preparando-o para o Dia de Finados, ela segue cumprindo - lá onde os mais antigos foram depositados, lugar de muitas histórias e de muitas lendas, como a do "Tatu que Ri" e a do "Cachorrinho Branco", que seguem nos alertando: melhor não passar por aquelas paragens em hora próxima à meia-noite... (Atualmente, devido a uma ponte caída, é preciso dar uma longa volta pra chegar - as providências a respeito, ainda são esperadas por lá.)



Foto: Genildo Coelho Hautequest. Filho

Seu trabalho de parteira também não desenvolve mais - porém ajudou a vir à luz a maior parte dos adultos do lugar, cuidando até cair o umbigo, como contam as mulheres que tiveram o privilégio dos seus desvelos. Hoje, as jovens mães buscam a cidade, com seus médicos e hospitais. Mas, a tradição ainda existe: Maria participa de importante rede, que reúne parteiras de todo o Brasil, compartilhando seus conhecimentos e experiências. Também aqui, Maria é referência.

Há, ainda, em Monte Alegre, moradora

cuja arte registra, com beleza e esmero, a população local: trata-se da Valéria, sobrinha de Maria, Paulo e Adevalmira; que com suas bonecas quilombolas, feitas de pano ou de cabaças, artesanato de identidade, encanta os visitantes. (Entre os locais, suas bonequinhas não fazem tanto sucesso: preferem as industrializadas... e brancas.) Seu trabalho merece virar escola, receber investimento para isso, com seu potencial de elevar a autoestima do seu povo, divulgar a Comunidade e gerar trabalho e renda para os seus.

FUTEBOL E CAXAMBU: ALEGRIA DO POVO



Fotos: Luan Faianin Volpato

Nesse lugar, cheio de atletas, aspirantes e torcedores, o campo de futebol, bem no centro da comunidade, sempre foi o ponto de encontro das tardes de sábados e domingos - hora de os rapazes mostrarem suas habilidades, muitas vezes enfrentando times de fora; e hora das moças se exibirem com suas graças. Todos, meninos e meninas, de grande beleza.

O povoado se reunia sentando-se em todo o entorno do campo - esquecendo as lutas do cada dia.

Um dia, porém, alguém achou bacana murar a área - dinheiro vindo de ministério, sem consulta à população. Complicou bastante para a assistência local.

Além disso, o muro foi se espichando e acabou cercando o largo onde se acendia, há mais de um século, a fogueira do Caxambu, na festa do Raiar da Liberdade.

De lá para cá, os torcedores vêm contornan-

do o problema, se embolando pelo lado de dentro do campo.

Quanto ao Caxambu, ainda resiste, porém, com dança, tambores e fogueira do lado de fora, no meio da rua.

Tradição é chegada à teimosia, mas, até quando?

Ouvimos deles, em suas muitas histórias, experiências dolorosas de descaso, desrespeito e exploração.

Para além da picardia, o jongo também canta tristemente:

“ No tempo do cativo, quando o senhor me batia,
Eu gritava pra Nossa Senhora, ai meu Deus!
Como o chicote doía.

Ainda dói.

FLORESTA NACIONAL DE PACOTUBA - FLONA



Foto: Luan Faltanin Volpato

Onde tudo começou!
A floresta segue em pé, hoje, administrada pelo INCAPER - Instituto Capixaba de Pesquisa e Extensão Rural, que desenvolve importantes trabalhos de pesquisa, referência entre a comunidade acadêmica nacional; tendo, ainda, sob seus cuidados, a Escola Família Agrícola - oportunidade dada aos filhos dos pequenos agricultores da região, para aprenderem e colocarem em prática, junto aos seus, os cuidados e trabalhos com a terra, propiciando a fixação das novas gerações no campo, com melhor qualidade de vida.

Entretanto, há aqui um sentido de alerta aceso, vez que, nas origens, foram os quilombolas os guardiões da floresta - enquanto os povoados e fazendas desmatavam. (Exceção feita com louvor à RPPN Cafundó, a partir da segunda metade do século XX). Fica o incômodo, quando se alcança a floresta, da falta de referência à comunidade (por exemplo: a placa, que indica a entrada da Comunidade, não tem formato oficial e passa facilmente despercebida àqueles que não conhecem o caminho) -

que deveria ser, ao nosso olhar (cúmplice e ignorante), mais bem inserida em todo esse trabalho, com sua história, cultura, e com suas crianças e jovens, atendidas como prioridade da Escola. Sabemos que a Escola Agrícola encaminha ofícios, todos os anos, formulando convite para que os estudantes se matriculem em seus cursos, mas, devido à baixa adesão, fica a impressão que seria necessária uma campanha mais eficiente, desde os primeiros anos da EMEB Monte Alegre, de modo a criar um ambiente de maior incentivo, e resgatar a cultura da vida rural. Quem sabe?

(Importante fazer o registro que a Comunidade só é assistida pela escola municipal (EMEB), que oferece o ensino básico até o 4º ano - a partir daí, as crianças do quilombo são obrigadas a se deslocar para as escolas de Burarama (distrito de colonização majoritariamente italiana) e Pacotuba. As crianças que, muitas vezes, nunca saíram de sua comunidade, são lançadas ao mundo, sem nenhum tipo de preparo, enfrentando reações preconceituosas, reveladas, por exemplo, nos apelidos que lhe são atribuídos de modo

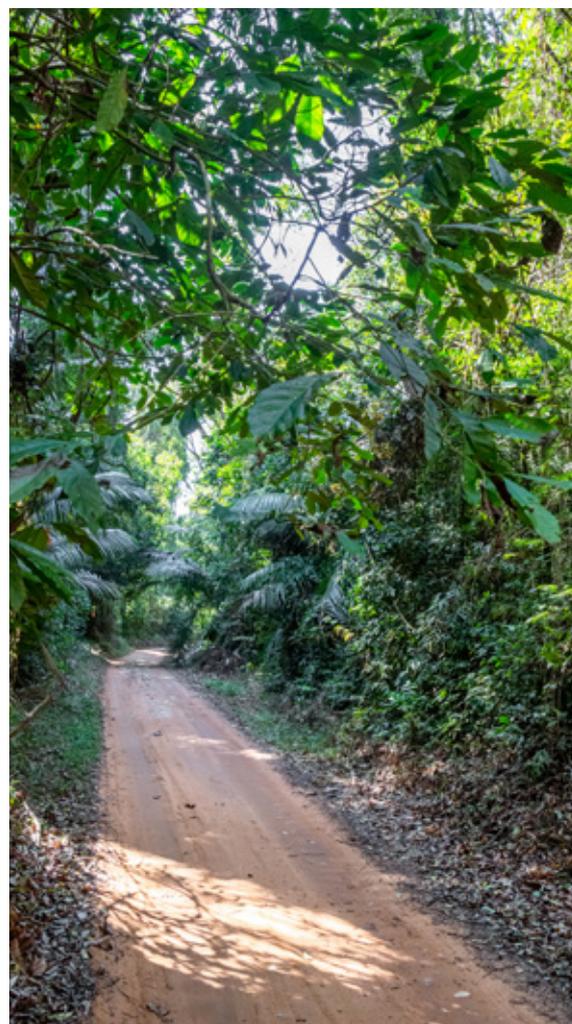
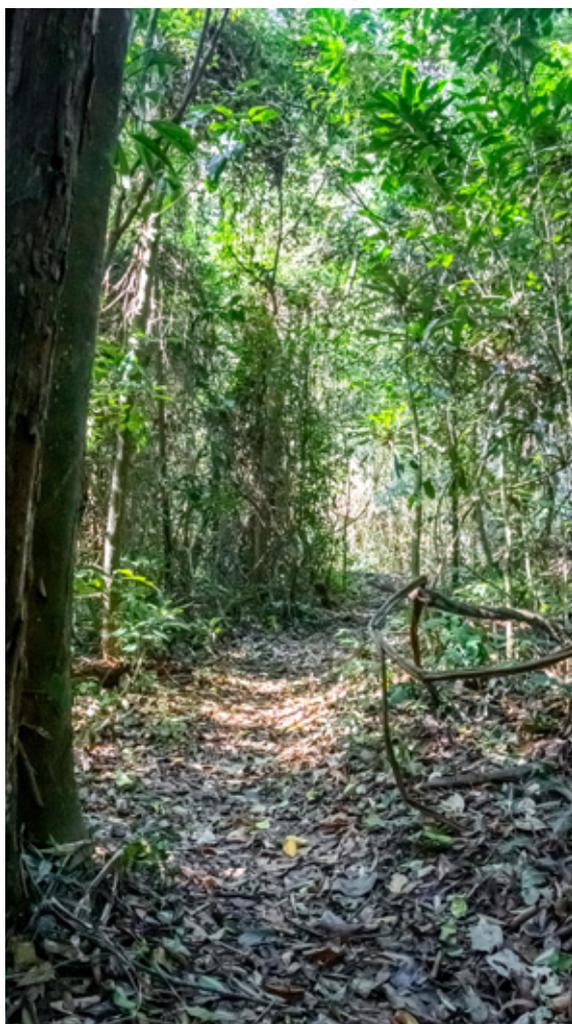
pejorativo. São chamados de “quilombolas” e “meninos do quilombo”, em tom de chacota. Entre os quilombolas, há quem conte a história dessa floresta e sua relação com o seu povo, além dos idosos e das mestras: Leonardo Ventura, que se formou no Curso de Turismo Rural, no Centro Universitário São Camilo, a partir do incentivo do programa Bolsa Quilombola, junto a alguns outros moradores da comunidade. Léo, como também é conhecido, publicou livro sobre a história da sua família: “Simplesmente Monte Alegre”; criou e administra o restaurante “Cozinha da Senzala”, com cardápio baseado nos pratos da tradição local, tais como o ‘angu de banana verde’. Além disso, recebe alunos de escolas de todo o estado, oferecendo um interessante circuito, que se inicia com o café da manhã, em seu restaurante - quando fala um pouco sobre as histórias da sua comunidade; seguindo, então, para o ponto alto do

passeio: a visita guiada, por ele, à FLONA - onde apresenta fauna e flora, com destaque para as enormes árvores centenárias, os macacos bugios e os pássaros.

(As visitas acontecem ao longo de todo o ano, e as escolas retornam no período seguinte, garantindo a experiência aos novos alunos. Escolas particulares, públicas - municipais e estaduais, de todo o Estado - menos as escolas municipais de Cachoeiro de Itapemirim... é que a administração da educação local considera o passeio perigoso, inclusive para as crianças quilombolas, que têm a floresta como seu quintal.)

Como resultado de todas essas incursões à floresta, Leonardo incentivou seu filho Filipe, desde criança, a fazer registros fotográficos - que resultaram na publicação de um livro; e que levou Filipe a se tornar referência, por suas fotos, nos sites internacionais de observação de pássaros.

Cá para nós: a floresta é quilombola!



Fotos: Luan Fatamín Volpato

CONCLUSÃO

Eu sou Maria Elvira, e tive o privilégio de desenvolver esse trabalho.

Sou branca, como também são brancos o Genildo e o Luan.

Também nós temos vozes mansas, e chegamos ao convívio, desse povo quilombola, propondo coisas boas (Citando aqui a fala de Paulo Adão).

Tínhamos, em nossas mentes e corações, a expectativa de apoiar o resgate de suas memórias e tradições culturais.

Temos sido acolhidos por eles de forma tão amorosa que chegamos a nos esquecer que somos brancos e que temos vozes mansas...

Temo-nos sentido em casa, entre eles; e tão sensibilizados por sua história, demandas e necessidades não atendidas, que, ao longo desses anos, tivemos certeza de sermos “um com eles”.

Entretanto, a escuta qualificada que esses encontros nos proporcionaram nos levou a compreender que, também nós, trazemos a sinalização do perigo, ao final. Essa constatação nos chocou bastante, iludidos que estávamos. Mas, nos ajudou a nos colocar no nosso lugar, não tão confortável assim, muito pelo contrário.

Foi necessário pedir-lhes perdão - por

toda e qualquer atitude de arrogância e/ou desrespeito que, porventura, tenhamos adotado junto a eles, ao longo da nossa trajetória.

Pedimos, e torço para que não tardiamente, licença para pisar seu solo sagrado, para estar no meio deles; e, junto a eles, ouvir, dialogar e ajudar a pensar soluções para sua Comunidade.

Assim, o relato que trazemos é relato de branco - é a nossa visão de quem está de fora, mas, com nossas almas absolutamente comprometidas e atadas às deles, no afeto e na admiração.

Enquanto pontos de vistas, estes aqui apresentados, esperamos que possam provocar para que mais visões se achem, e possam complementar o quebra-cabeça.

Esperamos que os membros dessa Comunidade possam ser beneficiados com esse trabalho; e que o temido rastro de destruição branca possa se reduzir ao menor e menos danoso nível.

Acima de tudo, registramos nossa imensa gratidão a essa gente doce, sábia, guerreira e bela, pelo privilégio dessa nossa jornada.

Com amor,

Eu sou Maria Elvira

EM TEMPO: Importante registrar que a Secretária de Desenvolvimento Social, Márcia Fonseca, e sua equipe estiveram reunidas, a nosso convite, com o nosso “Conselho de Idosos”, quando da última reunião do projeto - o que resultou em uma ação em massa, desenvolvida na Comunidade, no final de semana seguinte, com a presença da Secretária e servidores; quando as famílias foram oficialmente cadastradas, de modo a poderem, finalmente, receber a assistência dos programas sociais. Foram também distribuídas cestas básicas, contemplando a todos, e apoiando um Natal Feliz para a Comunidade. Nossa alegria é imensa, em saber que é possível tornar audíveis suas demandas e fazê-las chegar ao encontro de pessoas detentoras do poder, para ouvir e agir. Sigamos!



Tomo 2

Ano de

2023



Encerramos 2022 com a alegria de muitas missões cumpridas: festa do Raiar da Liberdade; oficinas com as crianças e Mestras, na EMEB Monte Alegre, com muitas histórias, resgate de tradições, jongos e danças de Caxambu; e, ainda, as oficinas com os idosos, guardiões das memórias. Ufa! Foi tudo muito forte e emocionante, sendo nós, cada um de nós, catalisadores e provocadores dos processos. Nós mesmos, encantados com tudo e todos.

O planejamento do ano 2023 foi se dando, ao longo do próprio 2022. À medida que as ações se sucediam, íamos costurando os passos futuros:

A Festa do 13 de maio, do Raiar da Liberdade, teria de ser a maior de todas, afinal, nosso pedido de reconhecimento de sua importância para a Cultura e Tradição do nosso Espírito Santo seria apreciado pelo Conselho Estadual de Cultura – e todos viriam visitar a Comunidade! Teria que ser tudo perfeito, ou quase. E eis que foi – ou quase! O projeto do Raiar da Liberdade, aprovado pelo edital estadual Secult-LICC, alcançou o patrocínio da EDP, e, finalmente, com um montante mais compatível de recursos, conseguimos alocar tendas, transporte para os grupos de Cachoeiro e região – e garantir o respectivo pagamento de cachês, a todos os membros; feijoada farta, para todos os presentes. Pela primeira vez, com o apadrinhamento do Bispo Dom Luiz Fernando Lisboa, pudemos abrir os festejos com uma missa católica, celebrada por um padre missionário, vindo de África, Padre Daniel. E, no dia 13 de maio de 2023, foi tudo lindo e pleno. Envolvemos quase todos os adultos da comunidade, na organização e preparação da festa, bem como nos serviços oferecidos – e todos, todos, muito bem remunerados. Dinheiro captado em benefício da comunidade. As imagens e vídeos encontram-se [publicados no nosso YouTube](#), assim também a devida prestação de contas – além das matérias produzidas pelos meios de comunicação locais e estaduais.

Quanto à abordagem junto às crianças, foram dois os sonhos, ousados e felizes. Para a escola, contratamos exímia artesã cachoeirense, Maria Théa Baptista, negra e ativista da causa, que confeccionou, seguindo nossa concepção, um grande painel de feltro, a ser afixado na parede da sala de aula. Decorado, à guisa de moldura, nas laterais e na margem superior, apresentava a floresta – origem do quilombo; e na margem inferior, as casinhas da comunidade; todos esses elementos, fixos. Também em feltro, elementos móveis, a serem afixados a partir de velcros: bonequinhos representando os quilombolas, vestidos de branco, homens e mulheres; também, algumas crianças; bichinhos da floresta (macacos bugios, pássaros, borboletas) e animais domésticos; e alguns elementos das antigas histórias da tradição local: o cachorrinho branco, o tatu que ri, o “cabquinho” d’água. Assim, as histórias seriam contadas e ilustradas, a partir da travessia

da floresta, por Adão, há quase dois séculos, para fundação da comunidade. A árvore genealógica, das famílias fundantes, desde o próprio Adão, seria ali representada, de modo que as crianças poderiam visualizar a sua nobre descendência e pertencimento. Camisetas alusivas ao projeto foram confeccionadas, para a equipe e todos os alunos e professoras participantes; bem como, embornais com material para desenho e pintura. Camisetas e embornais estampados com a logo do projeto. Uma lindeza.

Além da ação na escola, aos sábados, mensalmente, junto às rodas de Caxambu, ousamos sonhar a “Oficina de formação de Caxambuzeiros”, completando o resgate do legado, feito no ano anterior. Todas as crianças recebendo as roupinhas próprias, ouvindo os ensinamentos das Mestras, cantando, batucando e dançando. Sempre com um lanche farto lhes sendo oferecido, ao final das oficinas.



Fotos: Luan Fatamín Volpato



Fotos: Luan Faltamin Volpato

Para essas ações, o patrocínio, via editais do FUNCULTURA e da LICC, agora com o patrocínio da ES Gás garantindo recurso para abarcar todos esses custos e ainda, bem remunerar, todas as Mestras participantes, bem como oficinas / facilitadoras; fotógrafo; cinegrafista; restaurante; merendeiras; e aqueles que dão o suporte logístico aos pequenos eventos: montagem da fogueira e posterior limpeza da área. Com esse patrocínio, pudemos também trazer para a equipe a Professora Mestre Luciene Carla Francelino, também negra, linda, potente, ativista da Unegro, membra da Academia Cachoeiren-

se de Letras – perfeita para o fortalecimento dos vínculos com a Comunidade; trazendo o tom certo para falar das histórias e tradições, do enfrentamento ao racismo estrutural, e consequente empoderamento.

Tudo planejado, nos mínimos detalhes. Todas as etapas vencidas, com louvor, inclusive, a apresentação do projeto à Secretaria Municipal de Educação, sem cujo aval a escola não poderia acolher o projeto. Assim, apresentamos o pedido de execução e aguardamos a aprovação oficial. Também isso: feito!

Enfim, tudo perfeito! Perfeito? Não!

Surpreendentemente, fomos convocados pela direção da escola, para uma reunião – solicitada pelos pais, guiados por duas lideranças religiosas contrárias ao ensinamento da história e cultura afro-brasileira, ainda que garantida por lei, ainda que dentro de um território quilombola. Era uma rebelião, “santa”, com o propósito de impedir o desenvolvimento do projeto – alegando que o que fazíamos lá era ensinar “macumba” às crianças. Isso sem que sequer tivessem lido nossas propostas – encaminhadas com antecedência à EMEB e à Secretaria Municipal de Educação. E quando tentamos explicar do que se tratava, o líder do movimento alegou que “preferia que seus filhos ouvissem as histórias da boca das próprias Mestras”, atestando, assim, sua total ignorância com relação ao projeto vez que, sempre foram elas, as Mestras, que levavam as histórias e as tradições às crianças. Nós éramos, apenas, a ponte para tal encontro.

Pais e mães negros, obedecendo uma liderança branca, chegado de pouco ao lugar, numa postura fundamentalista e absolutamente racista, vez que buscava demonizar a tradição local e desvalorizar a cultura afro-brasileira – naquela Comunidade Quilombola! Absolutamente submissos e cegos ao que acontecia, exigiram da escola que o projeto que visa resgatar a história, tradição, origem, autoestima, e raízes de seu povo fosse suspenso, cancelado, expulso da comunidade.

“Uma casa dividida contra si mesma não se mantém de pé”, foi a máxima bíblica com que trabalhamos com os idosos, em 2022. Soa-nos, neste momento, ainda mais profético e acertado.

Uma tristeza ver a alegria das crianças quando nos viram na escola – para já não podermos mais ficar...

A Escola e a Secretaria de Educação não bancaram a luta, perdendo a oportunidade de seguir aprendendo sobre a Cultura local e suas riquezas, e de contribuir para sua preservação. Importante frisar que a equipe docente da EMEB, inclusive direção, é constituída de profissionais em condição de Designação Temporária, DT’s (com raríssimas exceções); acontecendo, portanto, alta rotatividade a cada ano, o que exige recomeço dessas abordagens. Quem chega, chega sem saber nada do lugar – como contribuir para sua identidade? Pois neste ano de 2023, também a eles, lhes foi negada essa aprendizagem!

Impossível relatar o que nos vai no coração, após tantos anos de dedicação e luta no seio daquela Comunidade. Após tantas conquistas alcançadas!

Só me ocorre o triste canto das “Incelências”, aprendido com nossas Mestras: “Uma espadinha de dor, que no meu coração passou...” Estão aqui as “espadinhas de dor”, trespassando os corações de todos nós. “Ai, maninha, ai que dor no coração!”

Em meio ao caos, as rodas de Caxambu e as oficinas de Caxambuzeiros (com os filhos daqueles que pertencem à tradição da roda) seguem, potentes, renovando nossas esperanças de que essa luminosa cultura prevaleça, nesse território sagrado.

Há que ter muita paciência, resistência, esperança e novas estratégias.

Haveremos de ter.



Maria Elvira Tavares Costa
Contadora de Histórias

RELATOS SOBRE MONTE ALEGRE

Luciene Carla Corrêa Francelino

Passei a integrar o projeto em Monte Alegre em meados de 2023, a partir de um contato com Maria Elvira, que acabou se tornando uma grande amiga. Nos conhecemos em virtude do livro que escrevi sobre a questão racial, intitulado: A construção histórica do racismo e a luta antirracista. Marcamos um encontro e conversamos sobre o tema, após ler o livro ela sugeriu a minha participação junto à comunidade, a princípio a ideia era atuar junto à EMEB Monte Alegre no projeto de contação de histórias e também com os professores, através do letramento racial, ou seja, apresentando historicamente como o racismo se estrutura e se mantém na sociedade e os mecanismos de combate ao mesmo. Embora o projeto tivesse acontecido no ano anterior, 2022, era necessário o aval da Secretaria Municipal de Educação para a continuidade do mesmo, por isso, participamos de uma reunião com a subsecretária de educação do município para apresentar novamente o projeto e garantir a continuidade deste. Tudo correu conforme esperávamos e obtivemos autorização para seguirmos em frente.

Mas recebemos um comunicado da gestora que precisávamos ir até a escola para uma conversa importante. E nesta conversa tomamos conhecimento que alguns pais haviam se mobilizado contra a execução do projeto na escola, não queriam que seus filhos participassem. Esses pais são evangélicos, e ficou evidente que o que estava acontecendo era uma manifestação clara de racismo religioso. Ficou agendada uma reunião com esses pais para explicação de como funcionaria o projeto, evidenciando que não se tratava de propagação de religião, e sim de cultura ancestral, através de contação de histórias afro centradas e da manutenção da cultura local com as mestras de caxambu. No dia da reunião o clima estava tenso, e para nossa surpresa haviam diversos pais e responsáveis contrários à execução do projeto. O líder religioso evangélico, que não é negro, não é quilombola,

tampouco reside na comunidade foi enfático em dizer que não queria que os filhos participassem, e foi notório o seu poder de persuasão sobre os demais que seguiram apoiando a sua decisão. Apesar dos argumentos de Genildo, explicando de forma objetiva de que se tratava o projeto a ser desenvolvido, as pessoas estavam irredutíveis, agitadas, nervosas e combativas. Saímos de lá desalentados e inconformados com a situação.

Para tentar dar continuidade de alguma forma ao que foi proposto inicialmente, pelo menos junto às crianças, passei a integrar a equipe do CRAS, que tem um projeto quinzenal junto às crianças da comunidade. Minha função era contar histórias afro centradas, favorecendo o fortalecimento da autoestima das crianças negras. Fui três vezes, com grupos de idades diversificadas, entre 5 a 12 anos. Foi uma experiência lúdica e maravilhosa. As crianças ficaram muito empolgadas e sempre perguntavam quando seria a próxima contação de histórias. Mas no terceiro encontro, uma das mães me reconheceu e me associou ao grupo de Maria Elvira e Genildo, e espalhou para a comunidade que nós continuávamos ali, fazendo o nosso trabalho. O grupo de religiosos que não aceitavam a nossa presença na comunidade, exigiu que eu saísse daquele espaço de convivência do CRAS, caso contrário, boicotariam o projeto retirando as crianças do mesmo. E mais uma vez, fomos impedidos de dar continuidade ao que havia sido proposto inicialmente.

Mas Genildo não se deu por vencido e propôs que eu participasse das reuniões da Associação de Moradores para abordar a questão racial, destacando aspectos do racismo, como este se estabelece, se mantém e as várias formas de combatê-lo. Era a última tentativa de fazer um pouco do que havia sido proposto. O meu papel nas reuniões era levar letramento racial para os integrantes da comunidade, numa fala de no máximo 10 minutos por encontro. Não foi fácil! No primeiro dia, muitos olhares desconfiados me julgavam a

cada gesto, analisavam cada palavra. A partir do terceiro encontro percebi que as pessoas ouviam interessadas, pareciam se identificar com as vivências que eu partilhava, de mulher negra e periférica. Compartilhei algumas experiências que são comuns a pessoas negras, vivências dolorosas, que muitas vezes é imperceptível para a maioria dos indivíduos, porque no Brasil, o racismo é naturalizado a tal ponto, que parece comum, ver pessoas negras sofrendo abordagens policiais, sendo seguidas em shoppings por seguranças, morrendo de fome e vivendo em condição vulnerável. Nesse terceiro encontro, fiz uma dinâmica com os participantes, entreguei para alguns deles frases e expressões racistas que são utilizadas no cotidiano e expliquei com o estas reforçam a manutenção do racismo. Ao final e pela primeira vez, fui aplaudida pelos participantes. Os aplausos foram como um abraço para mim, me senti acolhida!

Na última reunião que participei, percebi alguns olhares fraternos, como se eles estivessem mais acessíveis à minha fala. E mais uma vez enfatizei que o combate ao racismo é tarefa de toda a sociedade, destacando a importância do mês da Consciência Negra. E fui aplaudida novamente! Participei da confraternização da Oficina de Caxambuzeiros, também no mês de novembro, e algumas pessoas vieram me cumprimentar. Um senhor falou comigo com intimidade dizendo: que bom que você está aqui, a gente sempre aprende muito com você! Me senti honrada e tive a certeza de que o conhecimento liberta. Algumas pessoas têm uma visão de mundo reduzida sobre o modo de funcionamento da sociedade, no que tange a manutenção das desigualdades. Fatores como: fundamentalismo religioso, pouca escolaridade e falta de letramento racial são ingredientes que cooperam com isso. E o resultado é a perpetuação de preconceitos e diversos tipos de intolerâncias, como tem acontecido em Monte Alegre. O fundamentalismo religioso tem provocado a cisão entre os membros da comunidade e pavimentado o caminho para a perpetuação do racismo religioso, em um espaço onde isso jamais poderia acontecer. Uma comunidade quilombola, composta por pessoas majoritariamente pretas. Mas o co-

lonialismo segue cumprindo o seu papel, dividir para colonizar, e neste caso, o que vem acontecendo é a colonização das mentes dos moradores da comunidade, que têm se voltado contra os seus pares.

No evento de confraternização da Oficina de Caxambuzeiros, percebi que muitas pessoas da comunidade, passavam de largo, de cabeça baixa. Alguns estavam visivelmente vindo de suas igrejas, com a Bíblia na mão. Achei isso estranho, pois era um evento grande, em uma comunidade onde raramente ocorrem eventos de grande porte. Tinha música, dança, fogueira. Mas tinha também racismo religioso, muitas pessoas trancadas dentro de casa, outras passando apressadamente, desviando o olhar. Genildo pediu que eu fizesse uma breve saudação e falasse um pouco na abertura do evento. Havia cadeiras próximas ao “palanque”, mas todos estava dispersos e falando muito. Quando comecei a falar sobre a questão racial, destacando os vários “braços” pelos quais o racismo se manifesta, aconteceu algo muito significativo. As pessoas foram se achegando, tomando assento e fazendo silêncio. De repente, todos estavam atentos à minha fala. Estamos finalizando os projetos nesta comunidade, com a certeza de que fizemos o máximo possível. Me despedi em dezembro, enviando um vídeo para o grupo de WhatsApp da Associação de Moradores. Espero que esta comunidade possa desfrutar de dias melhores no futuro, com mais oportunidades para todos e com menos intolerância e racismo religioso.



Luciene é professora de história e de educação infantil na rede pública em Cachoeiro de Itapemirim. Escritora, historiadora e atualmente doutoranda em história pela Universidade Federal do Espírito Santo. Autora do livro: A construção histórica do racismo e a luta antirracista.



Foto: Luan Faltamin Volpato



REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:

ESGÁS
grupo energética

Este projeto é um projeto do
Liceu de Cachoeira

GOVERNO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura





REALIZAÇÃO:

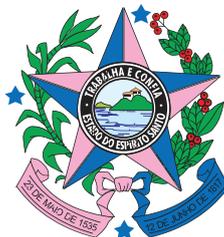


PATROCÍNIO:



Este projeto tem recursos da
Licc - Lei de Incentivo à
Cultura Capixaba.

**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**
Secretaria da Cultura



Coordenação: [Genildo Coelho Hautequestt Filho](#)
Produção: [Fátima Buzatto Moura](#)
Textos: [Maria Elvira Tavares Costa](#) e [Luciene Carla Corrêa Francelino](#)
Projeto gráfico: [Luan Faitanin Volpato](#)
Fotografias: [Luan Faitanin Volpato](#)